

Ana Daniela Coelho  
José Duarte  
Organização

# A Jangada de Ulisses



University of Lisbon Centre for English Studies  
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
TECNOLOGIA

“Not ‘Goods From Foreign’  
But Made in India”:  
As Indústrias Culturais  
na Obra de Salman Rushdie

**Ana Cristina Mendes\***



O presente projecto pretende contribuir para a reinterpretação da obra de Salman Rushdie na óptica dos Estudos de Cultura, defendendo-a enquanto transgressiva e emancipatória no contexto das tendências contemporâneas de fascinação com a diferença cultural e de mercantilização da alteridade, tendências que se entrecruzam com a celebração crítica (e por vezes acrítica) do hibridismo cultural. Especificamente, este projecto pretende examinar a autodenominada “magpie tendency” de Rushdie, revelada nos seus textos literários e na sua crítica. Propõe-se, em primeiro lugar, analisar uma dimensão da obra rushdiana que, apesar de muito referida, não foi ainda sujeita a um estudo devidamente aprofundado: o transgredir de uma antiga separação entre “alta” cultura e cultura popular e, para além disso, o evidenciar do carácter artificial daquela distinção pelo recurso à paródia e ao pastiche. Paralelamente, examinam-se os papéis assumidos pelo escritor enquanto agente e mediador cultural nas várias esferas da sua produção pública. O enfoque centra-se nos papéis desempenhados no contexto de várias plataformas criativas que incluem, para além daquelas que decorrem do papel de romancista e de escritor de narrativas curtas, as que lhes estão ligadas enquanto intelectual, autor de resenhas críticas e comentador de cinema. Ao examinar a questão da mediação cultural na vida e obra de Rushdie, este trabalho posiciona-se em linha com um crescente número de estudos que tem vindo a situar a actual produção, circulação e consumo de textos pós-coloniais no âmbito das operações das indústrias de cultura. A necessidade de avaliar tais processos, que ocorrem num mercado estritamente regulado por poucas corporações, afigura-se determinante quando se procura analisar a vida e obra de um autor pós-colonial envolvido, tanto pessoal como profissionalmente, nas transacções das indústrias de cultura, e é neste exame crítico que cremos residir a pertinência desta dissertação no contexto dos estudos culturais contemporâneos.

Desde as décadas de oitenta e noventa do século XX, a obra de Rushdie tem sido alvo de um interesse crescente, a coberto da atenção votada à pós-colonialidade e à teoria e literaturas pós-coloniais. Assim, uma dificuldade desde logo antecipada na realização do projecto prendeu-se com a profusão de bibliografia crítica sobre o autor, publicada a um ritmo constante. Para obviar esta dificuldade, em muito contribuiu o crivo teórico-temático ao qual temos vindo a submeter a análise dos textos de Rushdie: a representação das indústrias culturais, em particular, das indústrias do livro, do cinema, da televisão, da música e da Internet. Como a representação das indústrias culturais na obra rushdiana não mereceu tratamento até ao momento, parece-nos que este estudo poderá acrescentar novos desenvolvimentos a esta área, o que valida o interesse da tese no campo científico em que se enquadra – os Estudos de Cultura. As leituras preliminares incidiram, sobretudo, na chamada

\*Ana Cristina Mendes  
Investigadora do GI 2 –  
Cultura Inglesa. Bolseira de  
doutoramento (FCT) em Cultura  
Inglesa orientada pela Professora  
Doutora Teresa Malafaia e  
co-orientada pela Professora  
Doutora Luísa Leal de Faria.

teoria crítica da Escola de Frankfurt, a partir do trabalho seminal de Walter Benjamin em torno da “obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” e das investigações de Theodor Adorno e Max Horkheimer dedicadas à indústria da cultura. Numa perspectiva de problematização e de redimensionamento das abordagens da teoria crítica, o projecto seguiu uma trajectória de actualização do conceito de indústria da cultura através da análise das lógicas capitalistas emergentes na produção e recepção dos bens culturais pós-coloniais. Mais do que antagonizar o conceito de indústria da cultura, originalmente definido na década de 1940, – uma posição crítica comum –, ao aceitar a lógica do consumo como realidade do início do século XXI, procuraram-se novas bases para a compreensão da produção e de recepção dos bens culturais pós-coloniais.

O projecto parte da premissa interpretativa de que as indústrias culturais são representadas no corpus rushdiano como campos de luta e contestação, onde há lugar a uma efectiva repoliticização e a uma subversão de expectativas metropolitanas de diferença. O enfoque crítico incide na forma como a obra ficcional e não-ficcional de Rushdie reflecte, a um nível auto-reflexivo e irónico, sobre a mercantilização ou, adaptando do inglês, comodificação da diferença no seio das indústrias culturais, na qual se encontra (inevitavelmente) envolvida dada a sua posição privilegiada no mercado literário global. Como esperado, tanto as indústrias culturais como a lógica mercadológica que rege os seus produtos resistem a uma caracterização monolítica na obra de Rushdie, assumindo formas diversas e até contraditórias entre si. No *corpus* seleccionado, as indústrias culturais são representadas como espaços onde coexistem múltiplos poderes e identidades conflitantes, e onde despontam diversas formas de intervenção e de resistência perante a nulificação – que resulta do processo de comodificação – das propriedades transgressivas do hibridismo cultural. As indústrias culturais apresentam-se, portanto, como espaços abertos à contestação das relações hierárquicas de poder.

A investigação recente ligada à produção cultural pós-colonial, numa época em que é notória uma dinâmica cada vez mais complexa de trocas à escala global, foi instigada por estudos como: *Critique of Exotica* (2000) de John Hutnyk, *The Postcolonial Exotic* (2001) de Graham Huggan e *Postcolonial Writers in the Global Literary Marketplace* (2007) de Sarah Brouillette, para referir apenas três. Os seus projectos críticos complementares – em particular, a sua fundamentação conceptual na noção de “mercado” e a perspectiva bourdieusiana de “campo” adoptada por Huggan e Brouillette – exerceram um forte impacto na presente pesquisa. O trabalho desenvolvido por Hutnyk foi crucial na procura de uma perspectiva crítica sobre a interacção entre a pós-colonialidade e a leitura freudo-marxista encetada por Adorno

da economia política da indústria da cultura. Huggan demonstra como a visibilidade actual das literaturas pós-coloniais é produzida através de sistemas representacionais e estruturas de poder tais como universidades, prémios literários, editoras, entre outros. O campo de análise cultural do "exótico pós-colonial" desenvolvido por Huggan, que por sua vez se fundamenta na teorização de Pierre Bourdieu, constituiu, desde o primeiro momento, o substrato teórico da nossa investigação. Na esteira de Huggan, realizou-se numa fase inicial um estudo exploratório situado na interface entre o projecto pós-colonial enquanto campo discursivo contestatário e a hipervisibilidade actual da produção pós-colonial fomentada pela chamada "indústria cultural da alteridade" (na designação de Huggan). Com um enfoque sobre a indústria cultural do livro, e contextualizando a produção cultural contemporânea num mercado cada vez mais globalizado, Brouillette perspectiva a literatura pós-colonial enquanto nicho do mercado literário anglo-americano, o que segundo a autora constitui uma ameaça à "autoridade autoral" de escritores como Rushdie. Na verdade, os debates concorrentes gerados por aquelas três obras auxiliaram-nos a definir a matéria da investigação ora apresentada e foram, como tal, instrumentais, desde o início, na delimitação e estabelecimento do enquadramento teórico deste estudo.

Pelo que disse, esta dissertação pretende situar-se no âmbito da reconfiguração dos modos de análise cultural que têm vindo a examinar as operações das indústrias do exótico (Hutnyk 5), da alteridade (Huggan x) e da pós-colonialidade (Brouillette 20) na construção e negociação da diferença cultural em geral. Uma abordagem crítica do "mainstreaming" da literatura pós-colonial envolve, como Huggan e Brouillette argumentam persuasivamente, questões relacionadas com a mercantilização da diferença, para além de implicar questões ligadas à resistência em relação a estruturas de poder neocoloniais. Em última análise, será que a literatura pós-colonial resiste ou reproduz a lógica do mercado literário global? Até que ponto estarão as forças de mercado a orientar um processo de formação do cânone envolvendo autores pós-coloniais? Pretende-se sugerir respostas para estas e outras questões, examinando as manobras em acção no espaço das formações culturais e práticas textuais diaspóricas sul-asiáticas. As análises críticas encetadas por Hutnyk, Huggan e Brouillette baseiam-se na premissa materialista de que a produção cultural pós-colonial tem que ser vista à luz das suas mediações económicas. A ênfase destas análises recai sobretudo nos processos de mercantilização da diferença no âmbito das esferas públicas transnacionais (especificamente nas inquietudes que surgem do que se percebe ser uma neutralização das erupções políticas e do potencial subversivo associado às expressões pós-coloniais) e também nas estra-

tégias envolvidas no capitalizar do “exótico” num panorama cultural cada vez mais globalizado.

Na esteira da teorização elaborada por Homi Bhabha, a resistência pós-colonial é recorrentemente encarada nos termos da ambivalência ou hibridismo disruptores das oposições binárias que estão na base do exercício do poder. Defende-se neste estudo que o carácter marginal da obra de Rushdie não deve ser entendido *exclusivamente* como a base para a compreensão daquele corpus, na medida em que uma fundamentação crítica naquela marginalidade conduzirá de forma iniludível a uma reprodução dos tradicionais binarismos pós-coloniais de opressor/oprimido e colonizador/colonizado que o escritor procura subverter inequivocamente. O que aqui se sugere é uma saída do labirinto do “hybridty-talk” (Hutnyk 33), entendido como base para a compreensão do trabalho de Rushdie. Nesta dissertação procura-se ser parte daquilo que consideramos ser um muito necessário renascimento dos estudos dedicados a Rushdie, procurando acrescentar novos itinerários críticos e enquadramentos interpretativos da obra do escritor, itinerários e enquadramentos que tenham em consideração as efectivas condições da produção e circulação cultural pós-colonial, no contexto de um mercado que é global, tanto na sua orientação como nos seus efeitos. Assim, questionam-se as análises deste corpus que se concentram exclusivamente nas questões de hibridismo cultural, migração, e “writing back” pós-colonial para propor uma crítica destas mesmas categorias analíticas, considerando em simultâneo o significado fundamental do questionar da distinção entre “alta” cultura e cultura popular no desenvolvimento destas problemáticas. Olhar a obra de Rushdie desta forma permitir-nos-á ter em atenção a transgressão das fronteiras no seu âmbito e também apreender as possibilidades transformativas inerentes ao contacto, neste particular, entre a “alta” cultura, tradicionalmente elitista, e a cultura popular, tradicionalmente ligada às massas. Num corpus aberto a leituras múltiplas, a selecção de um enfoque de análise deixa inevitavelmente por examinar algum material e por ouvir algumas interpretações oriundas de outras posições críticas. Contudo, espera-se contribuir para a revitalização de um campo que, saturado pela repetição dos mesmos temas, tem permanecido pouco inventivo há tempo demais.

Com o propósito de explorar a “magpie tendency” de Rushdie e os papéis inter-relacionados assumidos pelo escritor enquanto mediador cultural, esta dissertação procede à aplicação de uma crítica baseada em teorias adornianas das práticas culturais pós-coloniais acima descritas. Tal como foi originariamente formulado por Adorno e Horkheimer no início dos anos 40 do século XX, a “indústria da cultura” é uma estrutura guiada pelos imperativos capitalistas do lucro, que manipula as

massas no intuito de as induzir à passividade através da produção, ao estilo de uma fábrica, de bens culturais estandardizados. O que nos interessa neste âmbito não é tanto o centrar a análise naquilo que os críticos têm interpretado como uma tendência para uniformizar a indústria da cultura, tal como foi referido em variadíssimos estudos, nem é nossa intenção sancionar uma leitura simplista da cultura popular baseada na sujeição e na ausência de autodeterminação por parte dos produtores culturais e das audiências que alegadamente resultaram da racionalização fordista das práticas culturais. Ao invés, interessam-nos a constituição dinâmica e conflituante das “indústrias culturais,” um conceito potencialmente mais abrangente do que aquele que foi elaborado originalmente pelos pensadores associados à Escola de Frankfurt ou, pelo menos, um conceito mais congruente com uma paisagem dominada por corporações à escala global, com os seus próprios circuitos sistémicos de troca cultural.

A investigação tem vindo a ocupar-se dos modos como as indústrias culturais se abrem ao “hibridismo” – um conceito a problematizar. Entre outros aspectos, no âmbito, por exemplo, da indústria do livro, interessam-nos as políticas de edição literária bem como as estratégias de marketing empregues pelas editoras anglo-americanas na promoção das literaturas pós-coloniais. Também é relevante para nós o impacto do *Booker Prize* no sucesso das literaturas pós-coloniais no mercado global e, de forma interrelacionada, na construção do apelo exótico – também apelidado de indo-chic – exercido pelas obras escritas em inglês emanadas da diáspora indiana, como as dos escritores Arundhati Roy, Kiran Desai e Aravind Adiga, para além das de Rushdie (este último vencedor dos prémios comemorativos *The Booker of Bookers* e *The Best of the Booker*). Considerámos igualmente pertinente analisar como o estatuto de Rushdie como celebridade mediática e intelectual/crítico cultural faz com que o autor reaja a imagens de si próprio, reinterpretando-as de forma a negociar e a fazer circular na sua obra novas imagens.

Tendo sempre como horizonte a estruturação de uma tese final que dedicará um capítulo à representação de uma indústria cultural na obra de Rushdie, têm sido realizados, em estreita ligação com a leitura do corpus rushdiano, estudos de caso na área da produção cultural da diáspora indiana (nos domínios da literatura, do cinema, da televisão, das artes visuais e da música). Privilegiando o diálogo crítico entre obras, serão estabelecidos relações intertextuais com textos de Chitra Banerjee Divakarauni, Aravind Adiga, Mira Nair, Gurinder Chadha, Ashutosh Gowariker, Danny Boyle, Talvin Singh, Anish Kapoor, Amrita Sher-Gil, entre outros. A obra de Rushdie, actuando no interior da lógica da comodificação cultural da diferença (na medida em que integra o lucrativo nicho de mercado da literatura pós-colonial) é



palco de resistência em relação àquela lógica e, em *simultâneo*, é absorvida por esta, que frequentemente manipula produtos culturais com fins neo-orientalistas. É nesta perspectiva que propomos retomar criticamente a obra de Rushdie, lendo-a à luz de conceitos como “exotismo estratégico” e “marginalidade encenada” (Huggan) ou “re-orientalismo” (Lau), no contexto de um mercado flexível e voraz em que as formas de produzir, distribuir e consumir a cultura estão em constante transformação.

Considerando que a teoria crítica freudo-marxista se baseia fortemente no potencial analítico do conceito de mercantilização para uma reconversão dialéctica da cultura contemporânea, talvez seja produtivo retornar a estas teorias de forma a religar capital global, hibridismo cultural e resistência pós-colonial num contexto de políticas de representação em constante mutação. Com referência particular à obra de Rushdie, esta dissertação posiciona-se no centro de políticas de poder e de representação que não pretendem opor o “Ocidente” ao “Oriente,” mas pretendem atingir um entendimento mais complexo (que não poderia, de modo algum, confinar-se a estas duas estruturas discursivas) da produção cultural pós-colonial e do seu engendrar de perspectivas neo-orientalistas e re-orientalistas. Neste contexto, esta dissertação procura explorar os modos como os textos de Rushdie – tais como outras obras recentes que têm surgido da diáspora sul-asiática – reconstroem, manipulam e subvertem representações (re-)orientalistas. O que se procura analisar é, portanto, a renegociação de representações subversivas no contexto de diferentes noções de orientalismo e as consequentes inquietudes expressas por produtores culturais pós-coloniais, sendo Rushdie um caso exemplar.

#### ■ BIBLIOGRAFIA CITADA ■

- Brouillette, Sarah. *Postcolonial Writers in the Global Literary Marketplace*. New York: Palgrave, 2007.
- Huggan, Graham. *The Postcolonial Exotic: Marketing the Margins*. London and New York: Routledge, 2001.
- Hutnyk, John. *Critique of Exotica: Music, Politics and the Culture Industry*. London: Pluto, 2000.
- Lau, Lisa. “Re-Orientalism: The Perpetration and Development of Orientalism by Orientals.” *Modern Asian Studies* 43. 2 (2009): 571-590.